

A ofensiva e o jogo de cumplicidade e cinismo

A equipe econômica saiu da retranca e partiu para o ataque esta semana. Três iniciativas de seus integrantes pontuaram a nova postura agressiva: 1) Na tentativa de frear crédito e consumo, o presidente do Banco Central, Pêrsio Arida, ampliou o compulsório dos bancos, criou condições para o governo exercer controle efetivo sobre a quantidade de dinheiro em circulação e dificultou compras com cheques



Aquecimento da economia ameaça a estabilidade da inflação e do Real

pré-datados; 2) O ministro José Serra anunciou a privatização do setor elétrico e, em contrapartida, o adiamento do leilão da Escelsa; 3) Em Washington, o ministro Pedro Malan foi acometido de um surto de adrenalina verbal e xingou de "coveiros do real" economistas que diagnosticaram o fim do plano econômico.

Começando pela ordem inversa, as três ofensivas merecem avaliações. O ministro da Fazenda acertou no conteúdo e errou na forma. Xingamentos empobrecem argumentos e conspiram contra a razão. E logo Pedro Malan, de habitual comportamento reservado! Insultos à parte, o desabafo de Malan mostra amargura com economistas, seus amigos e companheiros de profissão. Ele lembra que, em setembro do ano passado, dez em cada nove consultores econômicos previam índices crescentes de in-

flação: 4% em novembro, subindo para 5% em dezembro, 6% em janeiro, uma curva ascendente sem volta. Isso significaria o fim do plano, o descrédito no seu fundamento essencial — a estabilidade da moeda. Os profetas erraram. A inflação trilhou uma curva sim, mas para baixo.

E por que ninguém cobrou o erro (a não ser Malan, é claro)? Simplesmente porque os vícios antigos de uma economia inde-

xada e convivendo com índices elevados de inflação, fazem cair no esquecimento erros desse tipo. Mas só quando pecam pelo exagero, é claro! O enredo da história se passa assim: alertado pelo consultor de que a inflação vai subir, o cliente empresário eleva seus preços. Se a previsão não for confirmada o cliente simplesmente reduz (ou não) o preço para vender mais e nada perde com a advertência. Mas se ocorre o contrário e o consultor erra ao subestimar o índice de inflação, arrisca perder o cliente. Nessa corrida absurda de apostas no pior perde a população, porque tal jogo de cumplicidade e cinismo acaba marcando gol a favor da inflação. Porém, cliente e consultor estão preservados.

Trata-se de uma questão de natureza ética, que esconde interesses concretos. O pior é que a persistência em previsões pessimistas e alarmantes não se restringe à infla-

ção, estende-se a outros indicadores da economia e, infelizmente, tem influenciado a conduta de empresários e prejudicado os interesses da população. Vender dificuldades implica em oferecer soluções para elas, criando uma relação de dependência do empresário em relação ao consultor. Evidentemente há preciosas exceções. Entre elas o economista Antonio Barros de Castro, que nem é consultor e, por má interpretação de seus argumentos, foi o foco dos xingamentos de Malan. Vale o enredo, não para Castro, mas para quem sabe merecer a carapuça.

Quanto à privatização das empresas do grupo Eletrobrás, o ataque se passou no treino para uma futura partida. Neste momento atua no campo das expectativas, indicando que são ambiciosas as intenções privatizantes do governo, mas sem nenhuma contribuição imediata para a estabilização. Até muito pelo contrário, o ministro José Serra anunciou junto mais um adiamento do leilão da Escelsa (aliás, no governo FH nenhuma estatal foi privatizada). Eletrobrás e subsidiárias só serão vendidas no decorrer de 1996. E isso numa previsão otimista, visto que sequer está estruturado o modelo de privatização, que implica em separar empresas, definir soluções para venda de linhas de transmissão, usinas. A engenharia de venda do setor elétrico é muito mais complexa, por exemplo, do que o setor petroquímico, que há dois anos patina no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes).

O ataque no freio ao crédito e ao

consumo mais uma vez preservou os pobres e centrou baterias nos bancos e na classe média. O diagnóstico de que o aquecimento da economia ameaça a estabilidade da inflação e do Real é, possivelmente, o único a encontrar unidade entre consultores e governo. Só industriais e comerciantes divergem, evidentemente porque a eles interessa faturar mais, sempre. Porém, demanda andar na frente da oferta inapelavelmente resulta em aumento da inflação. E isso não interessa à população. As transações comerciais nas próximas semanas irão testar a eficácia das medidas. Se, por exemplo, o ilegal mas amplamente aceito cheque pré-datado vai realmente desaparecer ou mais uma vez o governo sairá desmoralizado.

Do conjunto de atos e portarias do Banco Central, o que mais passou despercebido é justamente o mais importante deles, na avaliação do presidente do Bndes, Edmar Bacha. Trata-se do recolhimento ao Banco Central de 60% dos recursos acima da média de aplicações a prazo. "Simonsen foi o único a entender o significado", afirma Bacha, ao ironizar os consultores que desprezaram essa medida em suas análises. Para o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, o recolhimento estereliza o crescimento da moeda em circulação e permite, pela primeira vez em muitos anos, que o governo planeje e execute uma política monetária eficiente. Seria a tal âncora monetária que fracassou no início do plano?